

Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 6

DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA

Keila Andréa Araújo Costa dos Santos¹

Nós dois já tivemos momentos
mas passou nosso tempo
não podemos negar...
Marisa Monte, Depois

As demandas em torno de conflitos por separações conjugais compõem frequentemente nos atendimentos clínicos psicológicos individuais, de casal ou, ainda, trazidos pelos filhos que, em geral, também são impactados pelo advento desses fenômenos. Cada momento do ciclo marital solicita revisões, alterações, modificações do contrato conjugal, para que as necessidades dos consortes sejam satisfeitas e para que os ajustes na relação aconteçam ante a complexidade da vida de casal, a falta de tempo, questões econômicas, diferenças no ciclo de vida de cada um dos cônjuges, traições, dentre outros eventos e forças que interagem, gerando descompassos, desencontros e, muitas vezes, levando ao fim do casamento.

Nos atendimentos clínicos psicoterapêuticos, é perceptível o quanto o processo de separação faz romper dores e lamentações, sobretudo, por parte da pessoa que ainda se encontra investida de energia amorosa, de sonhos e idealizações em torno do casamento ou do ser amado que partiu ou deseja partir. A separação parece lançar o cônjuge ainda investido de energia amorosa em um processo de grande padecimento, que precisa ser atravessado com coragem para que consiga atribuir novos sentidos e significados à sua existência.

As separações e os divórcios têm se tornado cada vez mais frequentes na sociedade contemporânea. As Estatísticas do Registro Civil (2018) divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apuraram 385.246 divórcios concedidos em 1º instância ou por escrituras extrajudiciais em 2018, o que representa um aumento de 3,2% em relação ao total contabilizado em 2017 (373.216). Consequentemente, houve um acréscimo, também, na taxa geral de divórcios, que passou de 2,5% para 2,6%. Em média, os homens se divorciam em idades mais avançadas que as mulheres.

No Brasil, em 2008, o tempo médio entre a data do casamento e a data da

1. Gestalt-terapeuta. Mestre pela Universidade Federal do Amapá. Psicóloga (CRP 10-05280), com formação em terapia de casal e família. Coordenadora, professora e supervisora do curso de Aprimoramento em Psicologia Clínica Gestalt-terapia.

sentença ou escritura do divórcio era de 17 anos. Em 2018, houve uma diminuição no tempo de duração do casamento para 14 anos. Em um período de 10 anos (2008-2018), houve um aumento de 5,6% nos divórcios judiciais concedidos em 1ª instância em que os casais possuíam somente filhos menores. Esse incremento, na avaliação do IBGE, demonstra que a sociedade passou a aceitar com maior facilidade os processos de divórcio e separações e a naturalizar o acesso aos serviços da Justiça para formalização das dissoluções matrimoniais (ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL, 2018).

Por vezes, o casamento ocupou lugar de destaque na vida de um dos parceiros, que, após o término da relação, fica a se indagar: quem sou eu agora?, o que eu farei da minha vida? Em geral, o cônjuge em sofrimento pelo fim do casamento tem dificuldades em reconhecer suas habilidades, competências, sua autonomia para realizar algo para si mesmo; então, entra em um processo de sofrimento psíquico comparado ao processo de luto, sendo possível perceber alterações comportamentais, físicas, emocionais, sociais, se tornando frequentes emoções e sentimentos como tristeza, medo, isolamento, culpa, dentre outros.

Destarte, o objetivo deste ensaio é realizar um estudo bibliográfico sobre o processo de assimilação do luto decorrente do desenlace do “nós” da conjugalidade e do processo de reconfiguração da subjetividade do ex-cônjuge sob o olhar da Gestalt-terapia. Esses objetivos visam responder às seguintes questões: de que forma a Gestalt-terapia apreende o processo de assimilação do luto por separação conjugal e como se pode manejar com o cliente o processo de reconfiguração de sua individualidade após a separação?

METODOLOGIA

Optou-se pela realização de uma pesquisa bibliográfica exploratória, por meio de uma revisão crítica e sistemática de literatura. Inicialmente, foram eleitas categorias conceituais (separação conjugal, luto, elaboração do luto e Gestalt-terapia), seguidas de buscas por publicações nos sites Google Acadêmico, SciELO, na Revista IGT na Rede e em livros especializados. Foram selecionados artigos de Férrez-Carneiro (2003), Nasio (1997), Melo (2013), Sousa (2016), Fukumitsu (2013), Cardella (2009), dentre outros, em razão de suas relevantes contribuições para a sistematização das temáticas mencionadas. Posteriormente, procedeu-se a uma leitura crítica e fichamento de pontos considerados fundamentais para a elaboração do presente texto.

DESATANDO OS “NÓS”: O LUTO PELO FIM DA CONJUGALIDADE

Na primeira manhã que te perdi, acordei mais cansado que sozinho,

como um conde falando aos passarinhos, como uma bumba-meu-boi sem capitão.

E gemi como geme o arvoredado, como a brisa descendo das colinas,
como quem perde o prumo e desatina, como um boi no meio da multidão.

Alceu Valença, Na primeira manhã

A comoção causada pela perda do ser amado, expressa de maneira simbólica e tão penosa nesse trecho da música “Na primeira manhã”, revela o desvario, a perda de referência de ser e de lugar no mundo do personagem. Sua queixa parece um canto desalentado de negação da realidade que se apresenta. Nasio (1997, p. 12) explica que esse estado de dor psíquica extrema pela perda do ser amado provoca um esvaziamento do eu, um estremecimento de vida. A dor psíquica que se apresenta é reflexo do afeto remanescente, uma forma de contração do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada.

“Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor”, aduz Sigmund Freud (1930 *apud* NASIO, 1997, p. 27). Esse prenúncio do pai da psicanálise, de acordo com Nasio, revela o paradoxo incontestável do amor: “apesar de ser uma condição indispensável à natureza constitutiva do ser, é também caminho insuperável de sofrimento, porquanto, quanto mais se ama mais se sofre” (p. 37). Por esse motivo, explica o autor, é que a ruptura de um laço amoroso produz um estado de choque, uma dor semelhante àquela gerada por uma agressão física, provocando um rompimento da homeostase psíquica do indivíduo.

Não obstante a qualidade da relação ou de qual dos cônjuges partiu o desejo de separar, o fim de um relacionamento amoroso é sempre um evento estressante em sua totalidade, porquanto muitas forças interagem em torno desse problema. Os envolvidos, em geral, ficam abatidos, vulneráveis, desguarnecidos de vitalidade. “A dor causada pela separação é comparada a uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que foi chamado a viver junto” (NASIO, 1997, p. 25).

Parkes (2009) afirma que a separação do ser amado se assemelha a uma mutilação; machuca tanto que, na escala de causas de estresse, vem imediatamente após a morte de uma pessoa muito significativa. Por este motivo, é razoável que alguém que acaba de se separar experimente alterações físicas, emocionais, intelectuais, sociais e espirituais consideradas típicas de um processo de luto e que essa pessoa precise de um tempo para que as feridas sejam curadas, cicatrizadas, ressignificadas e para que o equilíbrio se reestabeleça.

O luto precisa ser compreendido como uma reação e envolve uma ampla variedade de sintomas físicos, emocionais e comportamentais que são comuns após uma perda. O luto revela um estado de carência homeostática física e psíquica ante a perda de alguém importante. Caracteriza-se, também, por ser o período um percurso necessário para a restauração das funções anteriormente citadas (WORDEN, 2013).

De maneira simbólica, Karina Fukumitsu (2013), psicóloga e Gestalt-terapeuta, declara que a perda de uma pessoa querida abre uma ferida existencial, uma lesão que necessitará de tempo para fechar. Segundo essa autora, o processo de luto é comparado a um período de cicatrização desse ferimento, e “[...] pode ser compreendido como um processo de ajustamento à perda, um momento de crise existencial, que faz parte do desenvolvimento humano” (FUKUMITSU, 2013, p. 29). Ressalta que o luto deve ser entendido como um momento de crise, um processo em busca de fechamento, e não como uma doença.

Deve-se observar, então, que luto é diferente de doença. Ao contrário, é um processo natural, um momento de autorregulação ante a perda. Por esta razão, o processo de luto inclui uma variedade de sentimentos, pensamentos e reações em certos níveis comuns a todo ser humano, mas, experimentados de maneiras distintas. A autora reforça que há uma tendência, durante o luto, de as pessoas questionarem o sentido da vida e da impossibilidade de desfecho dessa dor. Contudo, assevera que toda experiência de vida e, especificamente, em uma situação de perda, há uma chance de mudança e crescimento como ser humano.

Pelas lentes da Gestalt-terapia, o luto é visto como um processo e não como um estado. O luto não é algo definido e estático; é, sobretudo, um processo, uma experiência que cada pessoa vivencia singularmente, ainda que sejam observadas certas semelhanças. O luto é uma experiência inevitável dentro do ciclo vital, experimentado ante as perdas. É um período de tempo necessário para o florescimento de uma nova fase da vida. Portanto, o luto não pode ser visto unicamente pelo conjunto de sintomas que surgem após uma perda e que desaparecem depois; deve ser considerado uma experiência de vida singular digna de cuidado e respeito (SOUSA, 2016).

É possível que o processo de luto se torne complicado – isto é, que se cronifique e se alongue demasiadamente, causando danos às funções da vida da pessoa enlutada, além de prejuízos econômicos, sociais, emocionais etc. A ocorrência dessa forma de luto em razão do fim de relacionamentos pode acontecer quando o ex-cônjuge não tem anuência para expressar sua dor, ainda que a relação seja reconhecida socialmente (NEVES, 2015).

Sousa (2016) elenca situações que dificultam o processo de elaboração do luto, tais como: impedimento do enlutado para expressar e compartilhar sentimentos e pensamentos advindos da perda da pessoa amada; quando há a negação ou inibição de rituais lutosos; e a falta de apoio social durante a vivência do luto. A autora evidencia que, na sociedade contemporânea, o luto, assim como a morte, é visto como algo a ser evitado. Nos casos de separação, os cônjuges enlutados são compelidos a abandonarem prematuramente seu processo de luto, mantendo experiências inacabadas que tendem a se repetir em situações futuras.

No casamento que se ajustava criativamente pela confluência disfuncional, que se sustentava na ideia de que “nós somos um”, nota-se que a pessoa parece perder a

noção do “eu” quando o “nós” da conjugalidade se desata, uma supressão do sentido de referência pessoal. Isso pode tornar o processo de separação e elaboração do luto ainda mais penoso e mais difícil de ser atravessado. Com o término, a identidade conjugal, aos poucos, vai se desatando, se desfazendo, impelindo os ex-cônjuges a uma redefinição de suas identidades.

Desconstruir a conjugalidade após a separação e, simultaneamente, reconstruir uma nova identidade é um processo lento e vivenciado com dificuldade pelos ex-cônjuges. A vivência de uma maior liberdade se mistura com o sentimento de solidão, de fracasso, de mágoas e ressentimentos, tornando os primeiros tempos após a separação particularmente difíceis para os ex-parceiros. Nos casamentos que se constituem em torno da fronteira do nós, uma das dificuldades mais comuns relatadas pelos cônjuges mal individualizados é a dificuldade de ficar “só” consigo mesmo, e ainda ter de assimilar a ausência do parceiro que se foi.

Na medida que se considera o luto como um processo, essa temática tem sido estudada e pesquisada de várias formas e por diferentes teorias. Muitos teóricos compreendem que o processo de elaboração do luto envolve uma movimentação do enlutado em torno de estágios (KÜBLER-ROSS, 2008), fases (PARKES, 2009) e tarefas (WORDEN, 2013) a serem transpostas ou cumpridas.

Fukumitsu (2013), em seus estudos acerca das perdas no desenvolvimento humano, propõe uma divisão de temas ao que ela denomina de “processo de luto, processo de cicatrização e processo de sobrevivência e recomeço” (p. 29), como caminhos para a assimilação do luto. Deve-se ressaltar a importância dos estudos dessa autora acerca das temáticas em torno da morte, suicídios e luto, notadamente, porque são assuntos carregados de preconceitos e tabus e com pouca produção literária dentro da Gestalt-terapia.

Contudo, como bem ressalta Fukumitsu (2013, p. 51), na Gestalt-terapia, o que se enfatiza é o olhar fenomenológico acerca dos eventos, circunstâncias da vida. Por isso, o método fenomenológico é um convite para o não enquadramento da singularidade das experiências humanas em categorias previamente estudadas, selecionadas e aceitas. Para essa autora, a fenomenologia é uma proposta significativamente complexa, que exige um interesse para transformar e para lidar com o novo sem teorização prévia, deixando explícita a descrição detalhada do fenômeno como se mostra (*epoché fenomenológica*).

Assim, o processo de luto decorrente do fim da conjugalidade, sob a ótica da Gestalt-terapia, para além das características objetivas, comuns à maioria das pessoas, no que tange à manifestação de sentimentos e comportamentos, refere-se a uma vivência, a uma experiência tomada por sua singularidade. Logo, não há como fazer generalizações; o importante é buscar, por meio de uma postura fenomenológica, apreender o sentido da experiência vivida pela pessoa enlutada, a fim de compreender as forças que interagem no campo relacional que facilitam ou dificultam a travessia dessa experiência.

Mormente, considera-se que o processo de luto por separação envolve o reconhecimento do que se perdeu com o fim da conjugalidade (papéis, companhia, apoio emocional, econômico etc.) e a abertura de espaço para o acolhimento, abrigo para as dores e os sofrimentos decorrentes dessa perda, que precisam ser manifestados com segurança até que se esgotem naturalmente. O processo de luto deve ser compreendido, sobretudo, como um processo gradativo de desapego das coisas que se foram, espaço para a lamentação direcionada a elas e para a possibilidade de reconfiguração de uma nova identidade.

O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DO LUTO PELO DO FIM DA CONJUGALIDADE: RECONFIGURANDO O “EU”

Vou seguindo pela vida me esquecendo de você.

Eu não quero mais a morte, tenho muito que viver,

vou querer amar de novo e se não der não vou sofrer.

Já não sonho, hoje faço, com meu braço o meu viver.

Milton Nascimento, Travessia

A pessoa cuja vida foi radicalmente impactada com o fim do casamento se vê compelida a realizar uma travessia de amarguras e dores, muitas vezes sem perceber que esses momentos também podem ser transformados em portais para novas formas de ser e viver. Comumente, a pessoa enlutada resiste em fazer contato com as emoções e lembranças do que perdeu, por medo de ser aniquilada pela dor. Essa atitude é compreensível, porquanto, para os enlutados, as recordações parecem reavivar as feridas, dificultando a cicatrização.

Ribeiro (2007a) explica que, diante de uma ameaça, o “eu” procura, naturalmente, ajustar-se à realidade da maneira mais rápida e econômica que encontrar, reagindo às situações repetida ou automaticamente, como forma de proteção, mobilizando a quantidade mínima de energia necessária, para manter um equilíbrio possível. Como o autor alude (RIBEIRO, 2007b), resistir é essencialmente uma forma de contato que, do ponto de vista da psicoterapia gestáltica, não pode ser destruída, mas, manejada, porque surge como uma defesa da totalidade vivenciada pela pessoa.

Notadamente, cada ser humano tem um jeito singular de lidar com os acontecimentos da vida e com sua própria história, não sendo possível fazer previsões acerca do futuro ou prescrições daquilo que precisa ser feito, falado, vivido, e isso se aplica também aos processos de assimilação do luto e de reconfiguração da individualidade pós separação conjugal. Entretanto, como lembra Fukumitsu (2013, p. 16), o importante é que, em algum momento, a pessoa consiga perceber que as “perdas são experiências do viver, como as

inúmeras experiências que ensinam, transformam, deformam e formam”. Aprender a lidar com as perdas, segundo essa autora, requer do ser humano muito mais do que aceitação da perda, exige um trabalho ativo para dentro de si mesmo, de autoconhecimento.

Vale dizer que a Gestalt-terapia, sustentada em suas teorias de base e filosóficas, acredita no potencial humano e na habilidade de ser o que sabe melhor e mais sobre si mesmo, ainda que em situações de aparente desordem. Admite que há um movimento organísmico em direção à inteireza, por meio do contato atento com os eventos mais importantes do campo organismo-meio. Essa abordagem compreende, ainda, que o crescimento, o amadurecimento decorre do reconhecimento e assimilação dos eventos, os quais habilitam o ser humano a dar respostas mais integradas ante as forças conflitantes que interagem, ao invés das simples introjeções ou rejeições acumuladas pela pessoa ao longo da vida (YONTEF, 1998).

A partir da perspectiva gestáltica, entende-se que o processo de desatar os nós da conjugalidade e a reconfiguração da individualidade demandará da pessoa um movimento de aceitação da perda, bem como abertura para se revisitar, identificar sentimentos, pensamentos, crenças, ações que se encontram desatualizadas e que se tornaram disfuncionais em seu modo de viver e de se relacionar. É fundamental que consiga distinguir o que é seu e o que é do outro (ex-parceiro, filhos, parentes etc.), que cultive a confiança e a curiosidade pela descoberta e ampliação de seus recursos pessoais, que lhe possibilitem a transcendência do apoio externo (heterossuporte) em direção ao autossuporte, e uma vivência de assimilação, crescimento, amadurecimento e transformação interior.

É possível, em uma situação como o fim de um relacionamento amoroso, quando uma crise existencial se instala, que a pessoa se dê conta de que conheceu muitas pessoas, ainda mais, o seu ex-parceiro, desbravou vários lugares – mas, que pouco conhece de si mesma. Por vezes, nesses momentos é que percebe o quanto aceitou e se submeteu a um modo de ser e de viver anacrônico, desprovido de nutrição e prazer, ao que poderia mudar em benefício próprio; que se valorizou pouco e que alimenta crenças de autopunição, de que mereceria o sofrimento e a infelicidade a que se vê enredada. Diante desse quadro, ampliar a consciência de si mesmo, de suas potencialidades e limites é permitir que as dores e os sofrimentos sejam compreendidos e assimilados, a fim de que se tornem portais para o crescimento. Em outras palavras, é se permitir ser aprendiz das suas próprias dores.

O processo de reconfiguração da individualidade, especialmente para quem o “nós” – o eu conjugal – foi a figura predominante, será, amiúde, uma travessia lenta e dolorosa, mormente comparada à morte simbólica de si mesmo. Como declara Fritz Perls, fundador da Gestalt-terapia, na epígrafe do livro *Gestalt-terapia Explicada* (1977): “consentir a própria morte e renascer não é fácil”. Trata-se de um processo desafiador de enfrentamento das frustrações e dos conflitos, de entrega daquilo que não serve mais, e de abertura para o novo, para o que há de vir, ao que Perls, Hefferline e Goodman (1997) denominam de “desprendimento criativo”.

Andrade (2014) aponta que, ao se despedir de padrões antigos, o ser humano tem a possibilidade de abrir mão daquilo que já é conhecido e, paradoxalmente, adquirir novos conhecimentos e vivências, permitindo seu crescimento no diferente. Para essa autora, é nesses momentos de desprendimento que a pessoa passa a reconhecer seu potencial, que consegue abrir mão das muletas e andar com as suas próprias pernas, de modo mais autêntico. Se tornando *aware* (cônsncia) de suas necessidades, de seus recursos internos e externos, a pessoa pode se colocar diante da vida de maneira mais criativa e integrada, sendo capaz de abrir mão do papel manipulador que sustenta sua dependência e transfere ao outro as decisões de sua própria vida.

“Amadurecer é transcender ao apoio ambiental para o auto apoio” afirma Fritz Perls (1977, p. 49), e o processo de amadurecimento implica em movimento de auto aceitação, de abraçar a si mesmo sem tentativas inúteis de mudanças. De aceitar o autoencontro, ainda que em meio ao caos, e cultivar um sentimento de curiosidade para se (re)descobrir, assentir-se sem criticar, sem tentar modificar aquilo que se é ou o modo como se está em um momento específico da vida. Se abrir para se conhecer e se abrigar, acolher a própria dor, o sofrimento, e se tornar *aware* das carências, faltas, fugas, distrações que se somaram ao longo da jornada existencial e, sobretudo, as mensagens que elas revelam (CARDELLA, 2009).

Muitas pessoas, diante de sofrimentos intensos, fecham-se em suas próprias dores, seja por vergonha, por medo de julgamentos ou ainda por estarem sustentadas na crença da autossuficiência, funcionamento muito valorizado na sociedade contemporânea. Contudo, é importante lembrar que o homem é um ser relacional e, conforma assevera Perls (2015, p. 117), uma pessoa saudável é aquela que considera a si mesma e as suas necessidades assim como as dos outros. Desse modo, admitir a necessidade de ajuda de outras pessoas – amigos, parentes e até mesmo de um psicoterapeuta – é reconhecer a própria humanidade e poder contar com o apoio externo de alguém ante os momentos de fragilidade e vulnerabilidade.

Nesse ponto, cabe ressaltar o aspecto dialógico existencial entre cliente e terapeuta, fundamental na metodologia gestáltica. Ante as demandas trazidas pelo cliente, o terapeuta será aquele que facilitará o retorno à sua capacidade de autorregulação, de autogestão, do processo de “voltar para casa”, do cultivo das raízes das relações humanas, a conhecer e a integrar o seu mundo interior, para, enfim, o cliente poder habitá-lo e oferecer hospitalidade aos semelhantes. Tendo para onde voltar, é possível se aventurar e viver, compreendendo que a vida é uma misteriosa viagem de grandes descobertas e de diversos sabores, a despeito dos sofrimentos que dela também fazem parte (CARDELLA, 2009).

Nesse sentido, o terapeuta gestáltico, guarnecido da fé na capacidade de autorregulação do cliente, o aceita em seu estado atual, confirma o seu potencial de “tornar-se” e sua capacidade de crescer e mudar, compreendendo que a construção da individualidade acontece ao longo de toda a jornada existencial. Apoiado no método

fenomenológico, o terapeuta gestáltico valoriza a experiência vivida e a descrição das mesmas, encorajando o cliente a uma maneira de ser mais autêntico e significativamente mais responsável por si próprio (YONTEF, 1998).

Confiante na dialética entre autoconhecimento, autossuporte e capacidade de se auto amar, a pessoa se vê mais espontânea, individualizada e, ao mesmo tempo, universalizada, o que significa estar em contato consigo mesma e com o outro, sendo capaz de prosseguir e se reinventar, aceitando o que passou e se abrindo para o que ainda virá com o tempo. Então, passa a seguir com coragem atrás dos seus sonhos, daquilo que acredita ou deseja, e, tal qual a personagem da música de Milton Nascimento, ao perceber aspectos importantes da perda, se lança à travessia para o (re)encontro consigo mesma, com suportes internos que lhes fazem cantar: *“já não sonho, hoje faço, com meu braço o meu viver”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O incremento no número de separações e divórcios e seus desdobramentos têm repercussões pessoais, coletivas, econômicas, familiares, materiais e psicológicas, e ecoam nos dilemas trazidos pelos clientes para os atendimentos psicoterapêuticos. A ideia de pesquisar sobre a temática do luto por separação surgiu das minhas experiências como terapeuta de casal e família, da escuta terapêutica de pessoas que enfrentam as dores da separação conjugal e da melindrosa tarefa de as acompanhar na travessia de assimilação do luto.

Assim, o objetivo deste capítulo foi realizar um estudo bibliográfico sobre o processo de assimilação do luto decorrente do desenlace do “nós” da conjugalidade e do processo de reconfiguração da subjetividade do ex-cônjuge sob o olhar da Gestalt-terapia. Ao final desta jornada, pôde-se perceber que os fenômenos do luto pelo fim da conjugalidade e a reconfiguração do “eu”, isto é, da individualidade da pessoa que se separou, podem ser compreendidos pela perspectiva da Gestalt-terapia, por meio das teorias de base e dos pressupostos filosóficos dessa abordagem, os quais sustentam e orientam os terapeutas para uma prática clínica mais segura e ética.

O processo de separação conjugal é sempre marcado por conflitos e dores, notadamente, para o cônjuge ainda investido de interesse e energia amorosa, o qual passa a apresentar comportamentos, sentimentos e sintomas físicos característicos de um processo de luto. Gestalticamente, o luto é compreendido como um processo de ajustamento diante de uma perda significativa, um período de assimilação da perda, para que as feridas existenciais cicatrizem e a pessoa recupere o (re)equilíbrio físico e psíquico.

Dentre as muitas perdas pelo fim da conjugalidade, destaca-se a perda da identidade, da noção do “eu” – especialmente, para o ex-cônjuge que vivenciou um casamento que se ajustava disfuncionalmente pela confluência, não havendo espaço para as diferenciações

entre o eu e o outro (eu e o não-eu). Assim, com o término do casamento e no processo de assimilação do luto, instaura-se um momento existencial de reconfiguração do “eu”, da individualidade dos ex-parceiros.

Destaca-se que esse processo de reconfiguração da individualidade ocorre durante todo o desenvolvimento humano. Todavia, deu-se ênfase neste texto ao processo decorrente do fim do casamento, que, como foi visto, é uma travessia solitária, de mudanças profundas e outras mais brandas, de aceitação e autodescobrimento.

O trabalho do psicoterapeuta gestáltico no processo de luto e reconfiguração da individualidade pelo fim do casamento é de acompanhante, um apoiador externo para que o cliente reencontre seu ponto de equilíbrio, para que consiga ampliar o contato consigo mesmo, se tornar *aware* de suas necessidades e desenvolver recursos internos para atendê-las, e para que seja capaz de andar com suas próprias pernas e de descobrir formas criativas de ser e viver.

Por fim, vale dizer que a tarefa de pesquisar sobre este tema lançou-me em uma travessia de estudos, mas, também, de reflexões em torno das minhas experiências pessoais e enquanto psicoterapeuta, o que me possibilitou olhar para o passado para (re)encontrar, nas minhas experiências vividas, pequenas sementes de sabedoria que pudessem ser lançadas hoje nas linhas deste ensaio, na esperança de que floresçam no amanhã.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. Autossuporte e heterossuporte. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 147-162.

CARDELLA, B. H. P. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2009.

ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. Rio de Janeiro: IBGE, v. 45, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2018_v45_informativo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2020.

FEREZ-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 367-374, 2003.

FUKUMITSU, K. O. **Perdas no desenvolvimento humano: um estudo fenomenológico**. 2. ed. rev. São Paulo: Digital Publish & Print, 2013.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MELO, T. M. V. Do casamento à separação: aspectos subjetivos na vivência da separação conjugal. *In*: PSICOLOGADO. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-da-familia/do-casamento-a-separacao-aspectos-subjetivos-na-vivencia-da-separacao-conjugal>. Acesso em: 28 jun. 2020.

NASIO, J.-D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NEVES, C. C. **Luto complicado nas separações amorosas**. 2015. Monografia (Especialização) – Quatro Estações Instituto de Psicologia, São Paulo, 2015.

PARKES, M. C. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2009.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

PERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 5. ed. rev. São Paulo: Summus, 2007a.

RIBEIRO, J. P. A resistência olha a resistência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. Especial, p. 73-78, 2007b.

SOUSA, L. E. E. M. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT na Rede**, v. 13, n. 25, p. 253-272, 2016.

WORDEN, J. W. **Terapia no luto e na perda**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

